



Em Nome do Pai, da Mãe e do Filho

Compreendendo a relação entre adultos e crianças

2ª Edição - Revista e Ampliada



Mônica Donetto Guedes





Em Nome do Pai, da Mãe e do Filho

Compreendendo a relação entre adultos e crianças

2ª. Edição Revista e Ampliada

Mônica Donetto Guedes



INM Editora



Copyright © 2026 Mônica Donetto Guedes

Todos os direitos desta edição são reservados à INM Editora. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida, seja por meio impresso ou digital, sem a permissão prévia da INM Editora, de acordo com a Lei Nº. 9.610/98. Foi realizado o Depósito Legal na Fundação Biblioteca Nacional, de acordo com a Lei Nº. 10.994, de 14 de dezembro de 2004 e a Lei Nº. 12.192, de 14 de janeiro de 2010.

Editores: Sergio Gomes e Bruno Ricardo Gomes

Diretor Comercial: Bruno Ricardo Gomes

Revisão Gramatical e Preparação de Texto: Sergio Gomes

Revisão Técnica: Sergio Gomes

Capa e diagramação: Caren Dantas

Marketing: Diogo Robassini

Estagiário: Ryan Aranha

Gerente Comercial: Anderson Pedrosa

Gerente Administrativa: Camila Cardozo

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, 5ª. Edição do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, Academia Brasileira de Letras, de março de 2009.
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

INM Editora

Avenida Paulista, 326 — Sala 41
Bela Vista São Paulo-SP
CEP: 01307-002, Tel.: (11) 5026-7748
contato@inmeditora.com.br
inmeditora.com.br
Instagram: @inmeditora
Facebook: /inmeditora





Ao Fernando, meu marido, por me acompanhar em todos os projetos
Às gestantes e famílias, fontes de inspiração.
Aos meus editores Bruno Gomes e Sergio Gomes pela oportunidade desta
nova edição.





Dedicatória

Aurora
Bernardo
e Miguel

pela continuidade



A história de um ser humano não começa aos cinco anos, nem aos dois, nem aos seis meses, mas ao nascer — e antes de nascer, se assim preferir; e cada bebê é desde o começo uma pessoa, necessitando ser conhecida por alguém.

D. W. Winnicott

Nota Editorial

A INM Editora tem o prazer de apresentar ao leitor brasileiro a segunda edição do livro *Em nome do pai, da mãe e do filho: compreendendo a relação entre adultos e crianças*, da psicanalista Mônica Donetto Guedes.

O livro foi publicado originalmente em 2010, ano em que a autora utilizou a lente da psicanálise para analisar a relação parental com os filhos e filhas daquela geração. Nesta segunda edição, Mônica Donetto Guedes adicionou novos textos para trazer ao debate questões atuais da relação entre pais e filhos. Um novo prefácio também foi incluído, além de terem sido mantidos os prefácios originais da primeira edição.

Nesta segunda edição, dividimos o livro em sete partes: 1) *Maternidade*; 2) *Paternidade*; 3) *Parentalidade*; 4) *O bebê*; 5) *A criança*; 6) *Puberdade e adolescência* e 7) *Questões atuais*. O leitor observará que, a depender dos temas abordados, encontrará mais ou menos tópicos a serem debatidos.

Trata-se de uma conversa entre a autora e os pais, trazendo contribuições seminais para as diversas fases que a criança atravessa. Muitas vezes, os pais precisam de auxílio para lidar com as vicissitudes do desenvolvimento emocional de seus filhos, os quais são atravessados pelas diferenças culturais e transgeracionais das quais fazem parte.

Apesar de não ser um livro acadêmico *stricto sensu*, o(a) leitor(a) observará que a autora passeia por conceitos de psicanalistas que trouxeram grandes contribuições à clínica com bebês, crianças e adolescentes. Portanto, o livro foi escrito para ser lido em qualquer ordem, a partir do interesse do(a) próprio(a) leitor(a) pelos temas abordados.

Esperamos que o(a) leitor(a) faça bom uso das contribuições da psicanalista Mônica Donetto Guedes, que tem se notabilizado por seu trabalho como psicanalista em ajudar pais e mães na difícil tarefa de cuidar e educar seus filhos.

Boa leitura!

Sergio Gomes
Bruno Ricardo Gomes
Editores



Sumário

- 8 Nota Editorial
- 14 Prefácio à segunda edição
- 19 Prefácio à primeira edição I
- 21 Prefácio à primeira edição II
- 23 Introdução

Parte I: Maternidade

- 28 1. No início da maternidade: a revolução interna e a conexão com o bebê
- 30 2. O encontro primordial: a construção do vínculo entre mãe e bebê
- 33 3. As funções do cuidado nos primeiros meses de vida
- 37 4. Além do bebê: a importância da mulher na maternidade
- 40 5. O lado oculto da maternidade: desafios emocionais e a busca por acolhimento
- 44 6. A mãe narcisista e o impacto na vida dos filhos

Parte II: Paternidade

- 52 7. O papel essencial do pai e da rede de apoio na experiência parental
- 55 8. O lugar do pai: participação e formação do vínculo
- 59 9. Em nome do pai: a função paterna
- 63 10. Recordar para não repetir: os conflitos infantis e projeções paternas



Parte III: Parentalidade

- 68 11. Pais muito tolerantes: as consequências da ausência de limites na constituição do sujeito
- 72 12. Do casal à parentalidade: manter o vínculo infantil após o fim do casamento
- 76 13. O que é uma família? entre o ideal e a realidade da construção do vínculo
- 79 14. A presença da babá e a papel parental: conflitos e acordos
- 83 15. Pais permissivos: quando a liberdade se transforma em ausência de estrutura
- 85 16. Pais superprotetores: quando o excesso de cuidados impede o crescimento
- 88 17. Pais autoritários: quando a lei vira tirania e aprisiona o desejo
- 92 18. Passamos a vida “segurando” os filhos
- 95 19. Quando os sonhos dos pais tornam-se pesadelos para os filhos
- 98 20. Filhos são para a vida: os inúmeros partos da maternidade e paternidade
- 102 21. Quando o casamento acaba: do casal conjugal a manutenção da parentalidade
- 107 22. O novo casamento de um dos pais

Parte IV: O bebê


- 112 23. O colo que constitui: o lugar seguro para a constituição psíquica do bebê
- 115 24. Manhês: ritmo, pausa e cuidado na constituição do bebê
- 118 25. A ruptura necessária: o desmame na construção da individualidade
- 121 26. O tempo próprio do bebê: a escuta materna para além dos “saltos de desenvolvimento”



- 125 27. O choro do bebê: linguagem primordial e o desafio da escuta
- 129 28. O tempo do bebê e o lugar da creche: reflexões sobre a separação e a constituição do sujeito
- 133 29. O parquinho como palco: a importância dos espaços coletivos na constituição psíquica

Parte V: A criança

- 138 30. A angústia na infância: compreendendo os medos e os recursos internos da criança
- 142 31. A expressão da agressividade: construindo limites internos
- 145 32. Além da irritação: o que o mau humor da criança revela
- 148 33. O medo do escuro na infância
- 153 34. O terror noturno e suas raízes psíquicas
- 158 35. Birra não é malcriação : como diferenciar para acolher e orientar as crianças
- 162 36. A birra: uma análise do desequilíbrio emocional infantil
- 166 37. O medo de dizer “não”: limites e a formação da criança
- 170 38. Firmeza e cuidado: a construção do limite interno na criança
- 174 39. O preço da submissão: por que chantagear não é educar
- 178 40. Gêmeos: o desafio da duplicidade e a construção da individualidade
- 182 41. Avós cuidadores: um olhar consciente sobre o afeto e os limites no desenvolvimento da criança
- 186 42. A teia das relações: imaturidade emocional e a constituição do mundo interno da criança
- 190 43. A arte de educar entre a herança e o desejo: a construção do sujeito
- 194 44. O impossível na educação sexual : entre o tabu e o desejo na educação de crianças

- 
- 198 45. O corpo infantil em cena: erotização precoce e seus efeitos na criança
- 202 46. Por que as crianças perguntam? A busca incessante por sentido
- 207 47. Alimentação: a criança come para quem?
- 211 48. Quando a conversa não interessa à criança: a fronteira invisível da intimidade parental
- 214 49. O castigo e sua disfunção: uma perspectiva psicanalítica sobre a educação e a autoridade
- 219 50. Por que o castigo falha na educação de crianças?
- 222 51. Limite: por que o “não” se tornou tão difícil de dizer?
- 227 52. Por que as crianças mentem? Da fantasia às falhas no vínculo
- 232 53. Brincadeira: mais do que diversão — como o jogo organiza o pensamento, o afeto e a vida social da criança
- 237 54. Brincar juntos – o caminho para a amizade, a colaboração e a construção do “eu social”
- 243 55. O desafio e a oposição: a mensagem oculta no comportamento da criança
- 250 56. A escolha da escola: um encontro de desejos, expectativas e realidades
- 257 57. Sintomas na escola: a criança como reveladora de inadequações pedagógicas e relações desatentas

Parte VI: A puberdade e a adolescência

- 266 58. A construção da escolha profissional: identificações, projeções e o desejo da criança
- 270 59. O que seu filho vai ser quando crescer? a trama inconsciente da escolha profissional
- 273 60. Lutos, desafios e o reencontro familiar na pré-adolescência e adolescência



Parte VII: Questões atuais

- 280 61. Filiação e Constituição do Sujeito na Adoção
- 283 62. Parentalidade Homoafetiva: Desejo, Função e a Construção do Sujeito na Família Contemporânea
- 288 63. Crianças, pais e tecnologias
- 293 64. Intoxicações Eletrônicas: o vício digital, a permissividade parental e os riscos ao desenvolvimento infantil
- 298 65. *YouTube* e Infância: desafios cognitivos e emocionais na era digital
- 302 66. A geração do aparente: o impacto da cultura do consumo na formação das crianças
- 306 67. A família e as drogas: uma reflexão psicanalítica sobre limites e frustrações
- 311 68. Meu filho é hiperativo? Escutando o corpo que fala e o desejo que se expressa

Referências

Textos Consultados



Prefácio à segunda edição

É preciso amar como se não houvesse amanhã

A relação entre pais e filhos nunca foi, não é e nunca será fácil. Das agruras dos pais de primeira viagem, aos pais que tem uma grande quantidade de filhos, nenhum manual pode ser escrito para ajudá-los a cuidar dos seus filhos, porque cada bebê que vem ao mundo é um ser singular, e cada vez que os pais colocam alguém no mundo, eles já não são os mesmos pais do filho anterior. Quando esses pais têm um único filho(a), certamente, dia após dia, eles ainda não serão os mesmos pais nas diversas idades que o(a) filho(a) passará ao longo da vida.

Não à toa, é assim que Sigmund Freud vai se referir à relação parental: “O amor dos pais, comovente e no fundo tão infantil, não é outra coisa senão o narcisismo dos pais renascido, que na sua transformação em amor objetal revela inconfundivelmente a sua natureza de outrora”.¹ Esse amor objetal renasce a cada filho e filha que os pais põem no mundo na posição de recém-chegados.

É nesse sentido que a psicanalista Mônica Donetto Guedes nos apresenta a segunda edição do seu livro *Em nome do pai, da mãe e do filho: compreendendo a relação entre adultos e crianças*. O leitor observará que os temas que já se encontravam na primeira edição foram ampliados para diversas outras questões contemporâneas. Com textos curtos e precisos, Mônica Donetto vai costurando as vicissitudes de pais e mães na educação dos filhos; na transmissão da ética; da constituição do caráter e dos problemas relacionados à parentalidade; o início da maternidade e do encontro com o bebê; o papel e função do pai nessa jornada inicial; o que é família e parentalidade; as diversas formas de comunicação entre a mãe e o bebê; as expressões de amor e agressividade da criança; a dificuldade dos pais dizerem não e não serem permissivos com seus filhos; o lugar dos avós no cuidado e na educação de crianças; os problemas ligados à chegada da puberdade e à adolescência; a questão da escola e finalmente as questões ligadas à tecnologia da internet, as intoxicações eletrônicas e as formas com a qual os jovens adentram no mundo adulto por meio da internet.

1 Freud, S. (1914). Introdução ao narcisismo. In: *Obras Completas* (Vol. 12, p. 13-50). São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 41.



Esses e outros temas são abordados pela autora, que tem se notabilizado pelas análises da relação parental, do comportamento de crianças e adolescentes nos dias de hoje, assim como o trabalho de orientação aos pais na sua prática clínica. Mônica Donetto também tem ampliado a divulgação do seu trabalho com palestras, *lives* e comentários sobre situações do cotidiano em suas redes sociais. Trata-se de um trabalho de acompanhamento da própria parentalidade e da vivência do convívio familiar em suas mais diversas formas.

A partir da sua leitura, este livro me fez pensar o quanto somos tomados pelos temas da autora, vividos, por exemplo, na música popular brasileira, a qual está recheada de referências à relação de pais e filhos. Cito, a seguir, cinco exemplos nos quais os textos que o(a) leitor(a) agora tem em mãos me fizeram voltar à MPB.

Havia um tempo em que Elis Regina cantava: “[...] *Minha dor é perceber, Que apesar de termos Feito tudo o que fizemos, Ainda somos os mesmos, E vivemos, Ainda somos os mesmos, E vivemos, Como os nossos pais [...]*”². Elis dirigia à população brasileira que, apesar de toda a revolução contracultural para nos desligar e conquistar a autonomia, separando-nos dos nossos pais, ainda *somos e vivemos* como eles, pois somos a reprodução fiel do que nos foi passado transgeracionalmente. A *dor* que Elis canta na música, é a tomada de consciência que somos produto desses pais. E quando os pais não se comprometem com o lugar que eles devem ocupar com esses filhos, estamos diante das falhas ambientais precoces que trazem, psiquicamente, uma diversidade de distúrbios psíquicos. Viemos ao mundo com nossa bagagem hereditária, mas não podemos deixar de lado o lugar dos pais em nossas vidas. Mas para ser mãe ou ser pai, é preciso ter desejo.

É o que podemos observar no sonho do cantor Toquinho, quando este entoa seu desejo pela paternidade: “[...] *Vejo um berço e nele eu me debruçar com o pranto a me correr, E assim, chorando, acalantar o filho que eu quero ter, Dorme, meu pequenininho, dorme que a noite já vem, Teu pai está muito sozinho de tanto amor que ele tem [...]*”³. Sabemos que nem todo homem tem o desejo de ser pai, mas o narcisismo referido por Freud acima, às vezes, grita dentro do nosso inconsciente. Certamente, o papel de pai hoje mudou nos últimos 50 anos, mas ele tem um lugar e uma importância na vida de todos nós. Para quem é psicólogo clínico ou psicanalista, sabemos muito

2 *Como nossos pais*, Elis Regina, 1976.

3 *O filho que eu quero ter*, Toquinho, 1975.





bem a queixa de inúmeros pacientes que se referem ao famoso “pai ausente”, “violento”, “tirânico”.

Embalado, talvez, pela culpa ou pelo desejo de se aproximar do próprio pai, o cantor Fábio Junior, no final dos anos 70, fez muita gente pensar nessa dicotomia ao afirmar: “*Pai, Pode ser que daqui algum tempo, Haja tempo pra gente ser mais, Muito mais que dois grandes amigos, Pai e filho, talvez[...]*”⁴ Embora ser pai e ser filho não fale de uma relação de amizade, a conquista de um relacionamento suficientemente bom é o que se deseja de todo o pai e de todo o filho. O pedido é de aproximação, de vínculo, de estarem juntos para assumir um lugar na dinâmica familiar, para não se tornarem dois seres distantes e ao mesmo tempo tão próximos.

No campo da maternidade, é o que a cantora Cássia Eller, embalada pelo seu *rock in roll*, vai afirmar da implicação do que é ser mãe e ser filha e ao mesmo tempo ser mulher: “[...] *Sou fera, Sou bicho, Sou anjo, E sou mulher, Sou minha mãe, Minha filha, Minha irmã, Minha menina, Mas sou minha, Só minha, E não de quem quiser, Sou Deus, tua deusa, meu amor [...]*”⁵ Sabemos o quanto é difícil ser mãe, ser mulher, ser companheira e outras coisas mais. Nossa cultura deu um lugar para a mãe na família que nem toda mulher também está preparada para ocupar. Ou como diria Elizabeth Badinter, houve um tempo em que vivenciamos “o mito do amor materno”. Para ser um ambiente que cuide do bebê, é preciso desenvolver uma preocupação materna primária, na linguagem do pediatra e psicanalista Donald W. Winnicott. E para poder ocupar esse lugar, para tanto, é preciso que a mãe, mas também o pai, possam voltar ao lugar de criança e de filhos que foram, como diz a música a seguir.

Em *Pais e Filhos*⁶, do Legião Urbana, temos a nostalgia do final dos anos 80 na relação parental, quando Renato Russo canta:

*[...] Quero colo, vou fugir de casa
Posso dormir aqui com vocês?
Estou com medo, tive um pesadelo
Só vou voltar depois das três
Meu filho vai ter nome de Santo*

4 *Pai*, Fábio Júnior, 1979.

5 *1º de julho*, Cássia Eller, 1994.

6 *Pais e filhos*, Legião Urbana, 1989.



*Quero o nome mais bonito
É preciso amar
As pessoas como se não houvesse amanhã
Porque se você parar pra pensar
Na verdade não há [...]”.*

A geração Coca-Cola ditou certas liberdades e certas crises geracionais, vividas na rebeldia dos anos 80, a qual gostaria de ter colo e fugir de casa, sem viver os pesadelos da infância que assombram qualquer criança em crise de ansiedade infantil. Os adolescentes burlam as ordens parentais e chegam de madrugada em casa, e planejam um dia ser pai e mãe, cujo filho terá o nome mais bonito que eles mesmos. Será que os pais, oriundos do movimento de liberdade sexual, se desimplicaram do lugar da autoridade que lhes cabia e deu mais liberdade do que os filhos poderiam suportar? Se mais liberdade implica em mais amor, porque será que “*é preciso amar as pessoas [nossos pais?] como se não houvesse amanhã?*” A geração Coca-Cola ficou mais carente (“quero colo”), mas o que ela mais precisa é de limite, de pais, de “paz”.

Enfim, os rebeldes dos anos 80, são os novos filhos das duas primeiras décadas deste século que ao pensar no que fizeram com sua liberdade, não quiseram assumir a sua *responsabilidade* — viram os próprios pais se separarem e resolveram assumir um dos lados do casal parental, quando Renato Russo canta:

*“[...] Eu moro com a minha mãe
Mas meu pai vem me visitar
Eu moro na rua, não tenho ninguém
Eu moro em qualquer lugar
Já morei em tanta casa, que nem me lembro mais
Eu moro com os meus pais [...]”.*

Na verdade, o livro da Mônica Donetto Guedes faz referência a esse lugar dos pais que é tão solicitado pelo amor incondicional: duas pessoas que se juntam para criar uma família (e aqui não estamos nos referindo apenas ao casal heterocisnormativo, mas estamos incluindo o casal homoparental, as famílias tentaculares — famílias que se juntam para formar outras, mas todos os tipos de famílias). O que será que aconteceu com o ideal de família se a taxa de matrimônio diminuiu e a taxa de separação cresceu? Ora, a





contabilidade não bate! Novos arranjos familiares passaram a ser vividos nos últimos 20 anos (não é que eles não existiam, apenas passaram a ter mais visibilidade). E é aí que, mais uma vez, o livro da Mônica Donetto faz questionar o que é ser pai, mãe, filho e, principalmente, família na atualidade. O psicanalista húngaro Sándor Ferenczi certa vez disse que sempre tratamos a criança dentro do adulto em nossos atendimentos clínicos. Na verdade, estamos sempre diante da criança que fomos e que sempre seremos, porque:

*“[...] Você me diz que seus pais não lhe entendem
Mas você não entende seus pais
Você culpa seus pais por tudo
E isso é absurdo
São crianças como você
O que você vai ser
Quando você crescer? [...]”.*

Caro(a) leitor(a), o livro que você tem nas mãos na verdade é um convite; um convite para pensar sobre todas essas questões relacionadas aos papéis que assumimos dentro da família contemporânea. Pensar na nossa responsabilidade como pai, como mãe e como filho. É como se o livro da Mônica Donetto Guedes refizesse, em todos os capítulos, a pergunta que vai nos nortear pelo resto da vida: se somos crianças todo o tempo, o que vamos ser quando crescer?

Que o(a) leitor(a) possa refletir sobre as questões abordadas nesse livro pela autora e possa fazer suas próprias escolhas.

Sergio Gomes
Psicanalista



Prefácio à primeira edição I

Reunidos nesse livro, alguns artigos de Mônica Donetto Guedes, previamente difundidos, ganham nova dimensão. Isto acontece porque, desde o título, é oferecida uma perspectiva capaz de potencializar cada um por separado e o conjunto deles.

Assim, uma constelação de termos é convocada na tentativa de organizar o campo discursivo: a educação, a função da família, a função do pai, da mãe, os acolhimentos, as repressões, as rupturas, as ligações, a liberdade... as criações.

Nos diferentes contextos, eles aludem a um tópico que convém situar no centro dos escritos em pauta: até que ponto a educação expansiva pode dar conta — em menor ou maior grau — das emergências pulsionais, do mal-estar, das afecções que se introduzem sem curso prévio e nos surpreendem; acontecimentos que se apresentam nos encontros entre adultos e crianças, paradoxo emergente dos acontecimentos da vida.

Muito se tem discutido sobre a validade em termos da constituição de um saber que utilize as referências psicanalíticas para abordar as questões psicopedagógicas e, fundamentalmente, as da “educação para a vida”.

Dos textos reunidos no livro *Em nome do pai, da mãe, e do filho: reflexões sobre a relação entre adultos e crianças*, consistindo num exercício dessas passagens entre os fundamentos psicanalíticos, as questões da vida familiar/infamiliar e a potência criativa das relações estabelecidas, resulta uma impressão surpreendente de fecundidade no entrelaçamento que a autora constrói entre a vida infantil e as inquietantes situações do cotidiano.

Sintonizada por uma preocupação fundamental e sensível com o infantil e, mais especificamente, com as situações–limite experienciadas por pais e filhos — situações que beiram, às vezes, o intolerável e a ameaça à integridade psíquica —, a autora desfia fragmentos do viver: desde os primeiros encontros da mãe com o bebê, a arte do educar, sexualidade precoce, até as separações e os abandonos. E o faz com tal habilidade que nos contagia de interesse e nos alimenta à vontade de pensar vidas humanas cujo o sentido frequentemente nos escapa.

Trata-se, de fato, da relação entre a potência da vida criativa e as disjunções destrutivas que permeiam o viver. Para Winnicott, a criação é inseparável da





saúde e de certa alegria de viver: “É através da percepção criativa, mais do que qualquer outra coisa, o indivíduo sente que a vida é digna de ser vivida”⁷.

Trata-se, então, de se confrontar com as ameaças que pairam a todo momento na vida e no viver possibilitando condições ao desamparo, à angústia, à solidão, aos medos e às frustrações.

Esta questão referente à noção de “situações traumáticas” elaborada por Freud remete às angústias do abandono, às experiências de terror que invadem o sujeito intrusiva e violentamente ao longo das experiências que emergem, sempre, entre a vida e a morte.

Como é possível suportar e transpor essas experiências para “outra(s) cena(s)”? Desenha-se aí a preocupação de Mônica Donetto Guedes: acolher o insensato, escutar o costumeiro, o instituído, reabrir e desenvolver, assim, outras possibilidades, em sua diversidade; e, enfim, defender uma educação expansiva orientada não para metas adaptativas de eficiência e sucesso, mas para a garantia das condições de autoinvenção e busca, a partir da sua vinculação com o prazer de viver relacionado aos processos de ousar criar nos encontros eu(s) e outro(s).

Luiza Atalia Fontes
Psicanalista Titular da Formação Freudiana

7 Winnicott, D. W. (1971). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

Prefácio à primeira edição II

A coletânea de artigos de Mônica Donetto Guedes, *Em nome do pai, da mãe e do filho: reflexões sobre a relação entre adultos e crianças*, é o produto de sua experiência clínica, que tenta conciliar Psicopedagogia e Psicanálise.

Esta tentativa exhibe e exige talento clínico; desde este ponto de vista, faço uma primeira afirmação aparentemente óbvia: o que vai marcar a diferença é o talento e a experiência clínica do mediador.

Tal indicação me leva a falar da autora e dos anos de compartilhamento com a sua clínica. Circunscrevê-la fora deste campo deixa em evidência a certeza de não se fazer justiça à riqueza do que se perde.

Nada mais irresistível do que a cadência de expressão de uma fala consonante, reflexiva, ajustada: sem resistência. A sensação de que o corpo está perfeitamente ajustado à sua expressão, ao mesmo tempo que está em transição, desassossegado.

Nada mais irresistível do que uma disponibilidade atenta, amorosa, respeitosa, que sabe receber e selecionar. A sensação de que nada se perde na experiência.

Para além de uma preocupação teórica ou didática — que ela busca com afincado respeito — sua clínica mostra a inquietação e a urgência de quem habita desassossegada e intensamente o universo tão complexo das relações entre pais e filhos.

Entre a lei e a ordem, multiplicam-se sutilezas, fragmentos, parcialidades impensáveis. Não é sem importância e plasticidade de um pensamento nômade — que se respeita e — que se alia à índole de desassossego — para se produzir sem um porto radical de permanência, onde perguntas se desdobram para além de respostas possíveis, que se revitalizam, ininterruptamente, questionamentos que dispensam aprisionamentos sabidos, espertos e/ou inteligentes.

Fazer este prefácio do livro de Mônica Donetto Guedes sem abordar seu fazer clínico, de alguma forma, me pareceu injusto — como uma fotografia que esconde mais do que revela o essencial.

A forma descontraída da sua escrita e algumas respostas intencionalmente claras vão requerer acompanhamento para além dos limites do livro. Na verdade, sou instigada a falar um pouco mais do que apenas sutilmente se insinua na obra, através da sua pluralidade temas: um estar junto discreto, atento às questões cujos detalhes raramente escapam; um estar em "cima do lance", sem medo de enfrentar o inesperado da clínica.



Enfrentar o surpreendente sem classificá-lo açodadamente requer não só maturidade, como desprendimento. Abdicar deste álibi que acomoda a razão e um saber cristalizado — utilizando-o apenas para confrontar dois universos conceituais que nela habitam — é um desafio permanente.

Virginia Portas
Psicanalista Membro Titular da Formação Freudiana



Introdução

Escrever sobre crianças e sobre a relação delas com os adultos nasce, para mim, da clínica e do cotidiano: de pequenos casos, cenas recorrentes e conversas com pais e educadores que revelam inquietações sobre como se forma o sujeito desde os primeiros laços. Logo no início desta reflexão, convém lembrar Ferenczi: ao chegar, a criança exige que a família se adapte — não apenas em tarefas práticas, mas em ritmos, expectativas e afetos; esse ajuste implica reconfigurações de papéis, reorganização emocional e a necessidade de que os adultos escutem e sofram as transformações que a presença infantil impõe (Ferenczi, 1928).

Ao revisitar textos produzidos ao longo de quase duas décadas, interroguei-me sobre leitores e propósitos: quem lerá este material, com que finalidade e por que escrevo? Dirijo-me a um público plural — colegas de profissão em busca de inquietações clínicas; pais e cuidadores que demandam compreensão antes de receitas; estudantes interessados em articular teoria e prática; leitores sensíveis às questões do vínculo. Não pretendo uniformizar o destinatário: procuro, antes, abrir um espaço onde cada leitor possa encontrar perguntas que o convoquem a pensar desde sua responsabilidade e saber. Se procura-se respostas prontas, recomendo cautela; se busca instrumentos para interrogar a prática e ampliar a escuta, encontrará aqui materiais para isso.

Escrevo, sobretudo, para provocar pensamento. Minha intenção não é fornecer um manual de procedimentos, mas oferecer descrições clínicas, hipóteses interpretativas e questões que favoreçam a elaboração reflexiva. A prática relacional — a escuta atenta, o vínculo cuidadoso — é o território onde se produzem intervenções possíveis; a teoria acompanha essa prática, sem substituí-la.

Trabalhar com infância é cuidar do que há de mais vulnerável no humano: dependência, linguagem em constituição e a necessidade de um outro sustentador. A teoria psicanalítica, tratada aqui de modo pontual, auxilia na orientação desse cuidado. Noções de Winnicott



sobre *holding*⁸ e espaço transicional⁹ permitem pensar a presença que sustenta e o ambiente que possibilita o brincar e o aparecimento do *self*¹⁰ (Winnicott, 1971). Françoise Dolto (1984), por outro lado, lembra da função da palavra endereçada à criança e a importância de uma escuta que reconheça sua singularidade, enfatizando que a fala adulta tem efeitos formadores desde muito cedo. A tradição das relações objetais ilumina como os primeiros vínculos deixam registros que organizam a vida psíquica; esses referenciais são apresentados como mapas provisórios que orientam a leitura clínica, jamais substitutos da escuta singular.

Uma questão recorrente nestes textos é a língua que dirigimos às crianças: que voz lhes falamos e que efeitos essa voz produz na constituição do sujeito? A formulação ferencziana da “confusão de línguas”¹¹ — a imposição de discursos e exigências do mundo adulto sobre o mundo infantil — alerta para a dissonância que pode gerar sofrimento

8 Para Jam Abram, autora de *A Linguagem de Winnicott*, o *holding* representa o cuidado materno destinado ao bebê durante todo o período que durar a maternagem, ou seja, “todas as particularidades do cuidado materno que antecedem e advêm depois do nascimento convergem para composição de ambiente de *holding*. Isto inclui a preocupação materna da mãe, que lhe possibilita fornecer ao bebê o necessário suporte egóico. Tanto o *holding* psicológico quanto físico são essenciais ao bebê ao longo do seu desenvolvimento e o serão por toda a sua vida. O ambiente de *holding* jamais perde sua importância” (Abram, 2000, p. 135). Outros aspectos do *holding* serão vistos nos capítulos seguintes.

9 O espaço transicional advém das primeiras relações objetais do bebê com a mãe. No início da maternagem, à medida em que a mãe amamenta o bebê via seio ou mamadeira, ou à medida em que ela brinca com ele, dá banho ou o põe para dormir, o bebê cria uma primeira concepção de mundo que vai sendo incorporado à sua mente. Este primeiro objeto, Winnicott chama de objeto subjetivo. Quando os cuidados passam a ser internalizados pelo bebê da sua representação de mundo, ele adquire capacidade de projetar nos objetos externos — como um paninho sujo, um ursinho, um tufo de cabelos ou uma canção de ninar. A isso, Winnicott chamou de objeto transicional. O espaço transicional faz parte desse complexo mundo do bebê, no qual a criatividade e o brincar farão parte da sua vida.

10 *Self* é um conceito que foi melhor desenvolvido pelo pediatra e psicanalista inglês Donald W. Winnicott. Embora ele afirme que há uma diferença entre *self* e ego, essa distinção nem sempre fica clara em sua obra. *Self* diz respeito a uma descrição psicológica de como o indivíduo se sente subjetivamente e tem origem no potencial do recém-nascido a partir de um ambiente suficientemente bom, representado pelos cuidados maternos. Assim, o *self* diz respeito tanto a um aspecto psicológico ou mental do indivíduo, assim como o seu aspecto corporal, de forma integrada e faz com que nos sintamos vivos e real. Ver Abram (2000, p. 220).

11 *Confusão de línguas* é uma expressão criada pelo psicanalista húngaro Sándor Ferenczi, e diz respeito a um aspecto do trauma sexual infantil. Para este autor, quando um adulto abusa de uma criança sexualmente, ele a toma como seu igual, inserindo na criança uma linguagem da passionalidade ou do sexual, fazendo-a refém. A criança não está preparada para vivenciar uma sexualidade antes que esta faça parte do seu repertório psicológico, pois vive uma linguagem da inocência, ou dito em outras palavras, uma linguagem da ternura. Assim, confusão de línguas diz respeito às diferenças de linguagens vividas entre a criança e o adulto, trazendo, como consequência, um trauma na vida da criança que, por sua vez, produzirá efeitos psicológicos de difícil resolução. Ver também Ferenczi (1913; 1929; 1931; 1934).





e comprometer a elaboração dos desejos (Ferenczi, 1933). Cuidar, portanto, é atender à dupla via: ouvir a linguagem que a criança produz e dispor-se, enquanto adulto, a modificar ritmos, expectativas e modos de relação.

Ao revisar estes escritos, preocupei-me com o risco de transformá-los em prescrições. Questionei se minhas palavras poderiam ser lidas como verdades incontestáveis. Reafirmo que não: procuro que o texto suscite dúvida produtiva — perguntas que estimulem o leitor a pensar e a assumir a autoria de suas intervenções. A clínica exige humildade; mais do que conclusões prontas, requer escuta sensível à singularidade e ao contexto histórico-familiar.

Percebo, igualmente, uma tendência contemporânea à terceirização do saber sobre a criança. Muitos pais recorrem a livros, redes e especialistas em busca de soluções imediatas. Esse movimento tem motivações compreensíveis — sobretudo o medo de errar —, mas pode empobrecer o vínculo. Delegar integralmente a educação e a interpretação do comportamento infantil significa perder o saber produzido no convívio diário: a memória dos gestos, a história das negociações e a linguagem íntima que sustenta a relação. O saber profissional é imprescindível, ao oferecer enquadramentos teóricos e espaços de escuta; contudo, sua potência reside quando articulado com o saber parental — uma articulação que produz intervenções éticas, situadas e mais eficazes.

Para exemplificar a necessidade de escuta, cito um caso corriqueiro: a recusa alimentar. Longe de ser apenas problema orgânico, a recusa pode ser expressão simbólica — um modo de recusar imposições, de reivindicar escolha. Quando reduzida a mau hábito, perde-se a oportunidade de perguntar: que história relacional se articula ali? Que relação com autoridade, com o corpo e com a autonomia se manifesta? Perguntas dessa natureza deslocam a intervenção da prescrição automática para a investigação clínica.

Os manuais, apesar de sua utilidade prática, tendem a homogeneizar experiências e a invisibilizar sentidos diversos. Isso não implica rejeitar orientações, mas lembrar que qualquer intervenção deve ser pensada em relação à singularidade de cada família. Em um registro psicanalítico que atravessa estas páginas, reafirmo que o trabalho clínico exige tempo de escuta, paciência e disposição para o erro — qualidades que se opõem às promessas de soluções imediatas.





Quanto ao papel do profissional, recomendo desconfiança diante de pretensões de saber absoluto. A prática ética demanda escuta, formulação de hipóteses e coconstrução de intervenções com as famílias. Inversamente, proponho que a atitude de “paciente” seja também atributo do especialista — paciente para acolher, esperar e elaborar com cuidado.

Se, ao ler estes artigos, o leitor sentir que lhes ofereço respostas prontas, convido-o à suspeita. Minha intenção é outra: oferecer descrições, hipóteses e reflexões que provoquem novas perguntas. Espero que profissionais, pais e cuidadores utilizem estes textos como ponto de partida para pensar seus próprios casos e construir respostas singulares, em vez de aplicar regras mecanicamente.

Dessas reflexões derivam as linhas que atravessam o livro: a primazia da escuta da linguagem infantil (gestos, recusas, brincadeiras e sintomas); a atenção à singularidade dos sujeitos e das famílias; a vigilância contra explicações simplistas; e a defesa de uma prática que privilegie o encontro e a construção conjunta de sentido. Esses princípios orientam tanto os relatos clínicos como as breves incursões teóricas de cada capítulo.

Convido o(a) leitor(a) a percorrer estas páginas com atitude crítica e afeto: leia como se estivéssemos diante de um caso — com pausas, retornos e espaço para o erro. A clínica ensina a humildade do saber; a teoria oferece pistas, sem substituir o trabalho relacional. Que este livro seja estímulo ao pensamento coletivo sobre infância e vínculo — um convite a cuidar das palavras, a escutar com rigor e ternura, e a reconhecer que educar é sempre tarefa compartilhada e em permanente construção.



Em Nome do Pai, da Mãe e do Filho

Compreendendo a relação entre adultos e crianças

2ª. Edição Revista e Ampliada



INM Editora